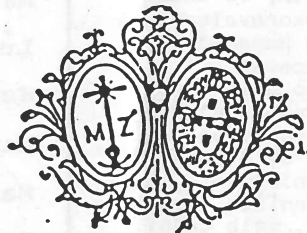


BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



Irmandade
DA
Santa Casa da Misericórdia
DE
SARDOAL



Publicação bimestral

UM CERTO EQUIVOCO

Vai-se espraiando, cada vez mais, por esse mundo fora, uma onda de insurreiçãõ e de violência.

Nem as grandes Organizações da política internacional, criadas para a defesa dos Direitos do Homem, nem os próprios governos da maioria dos países, têm conseguido impedir a eclosão de guerras e de conflagrações nos diferentes pontos do Globo, ou as lutas intestinas e os gravíssimos atentados contra a pessoa humana - cada vez mais frequentes em todas as latitudes do mundo.

Na gênese de todo este desvaireamento encontra-se fundamentalmente a ânsia do poder e, do dinheiro - muito embora camuflada, as mais das vezes, sob o rótulo de ideologias sociais e políticas.

Os desvios de aviões, os raptos e sequestros de reféns, com o fito de virem a ser trocados por elevadas somas, os roubos organizados da economia privada ou do próprio Estado, a morte violenta que viaja numa encomenda postal (ou, até, numa simples carta armadilhada), na bala de uma metralhadora ou no disparo de um míssil, são crimes que, numa larga maioria de casos, acabam por ficar impunes.

Na grande imprensa e outros modernos meios de difusão, que constituem os chamados "mass media" bem como, por outro lado, nas tribunas dos altos foruns e assembleias internacionais, pergunta-se, com certa insistência, por que se não combatem esses crimes com as mesmas armas, porque só assim - opinam muitos sociólogos - se poderia opor um dique capaz de obstar a tamanha onda de violência.

No entanto, vem-se entendendo, por ora, que embora se possa usar de certa dureza, nessa representação, ela deverá ser "comedida e moderada" na sua aplicação prática. Só que as complacências até hoje observadas, não têm obstado à causa de todos estes desmandos - de que os inocentes são, quase sempre, as suas vítimas principais.

Tal forma emoliente de actuação, baseada no princípio (bastante contestável, aliás) de que esses bandidos e celerados, por serem homens, igualmente têm jus a que se lhes reconheça, também, os chamados "direitos humanos" (!), conduz inexoravelmente à falência da Autoridade. E, sem ela, a Humanidade acabará por vir a ser precipitada no caos!

Com efeito, a Autoridade é o único meio de o homem não ver estropiados os seus direitos elementares. Se ela de todo não existisse, no atraso da civilização em que a Humanidade ainda se debate (não se julgue que "Civilização" é, unicamente, o progresso da Ciência!) era o fim da família, era a satisfação dos mais torpes apetites e, mais cedo ou mais tarde, tudo se afogaria numa onda de sangue.

A autoridade fez nascer as nações, o respeito pela pessoa humana; ordenou o trabalho, criou a economia e tem assim proporcionado ao Homem a segurança no presente e a esperança no futuro. Porém, para que essa esperança se não frustre a Autoridade terá de perder a actual brandura e molidão e exercer-se com inflexibilidade. E firmeza!

Lembremo-nos sempre daquela velha máxima de Sólon: "liberdade sem autoridade mais não é do que pura utopia".

ME.

1995

Novos IRMÃOS da SANTA CASA

Segundo a ordem de inscrição

Alice Filipe dos Santos -----
António Joaquim Ambrósio -----
Martinho de Oliveira Neto -----
Lúcia Augusta de Matos Cadete Neto ---
Olívia de Matos -----
Maria Júlia Alpalhão Aparício Martins
Maria Victória da Silva Lopes. -----
Luís Pereira -----
Maria de Jesus -----
António Lourenço Galinha -----
Isilda da Conceição -----
Laurindo Diogo -----
Generosa de Jesus -----
Maria Florinda -----
Manuel Pereira Alves -----
Lúcia Alves Pereira -----
José Maria Mendes -----
Maria Cecília -----
Maria Marques Navalho -----
Dr. Paulo Jorge Pires Vieira Graça ----
Manuel Matos Ladeira -----
Maria José Nunes Dias -----
Armando Dias -----
Artur da Silva Ascenso -----
Maria de Lurdes Pereira Ascenso ----
José Alves Reis -----
Maria de Jesus Reis -----

MAL SE COMPREENDE ...

Queremos supor que um razoável número dos Irmãos da nossa Santa Casa não conhece, ainda, "por dentro", o LAR e CENTRO-de-DIA da Misericórdia.

Apenas farão uma ideia sumária (e, decerto, que muito sumária, mesmo) de todo o seu interior, ao olharem todo o perfil exterior do edifício.

A Mesa Administrativa terá todo o prazer em facultar uma visita guiada as todos os interessados, sempre que lhe manifestem esse empenho. Apenas será de ter em conta, como é óbvio, o período da hora normal das visitas, para não colidir com as diversas tarefas da vida interna dessa Instituição.

UMA BOA IDEIA

Logo que tomou posse da nossa Paróquia, o Revº Vigário Senhor Padre António Esteves resolveu passar a celebrar a missa da manhã, das quinta-feiras, na Igreja do Convento para dar, também, aos utentes do Centro-de-dia e internados do LAR da Misericórdia a possibilidade da sua comparência.

Foi uma deliberação muito acertada, que recebeu o aplauso de toda a gente.

...do SARDOAL antigo UM MILITAR ILUSTRE

Entre os oficiais de alta patente naturais da nossa terra, que deixaram nome de grande prestígio nas Forças Armadas portuguesas, não poderá olvidar-se o do General João Serras da Conceição.

Nasceu em Sardeal, por meados do sec. XIX, mais concretamente em 8 Dezembro de 1853.

Foram seus Pais Joaquim Serras e D. Antónia Luísa da Piedade, ambos descendentes, por sua vez, de famílias com grande nomeada e prestígio na terra.

Muito novo, a sua paixão centrara-se na equitação, de que se tornou exímio cultor. Não admira, por isso, que logo aos 19 assentasse praça, como voluntário, no Regimento de Cavalaria nº 7, a 23 Agosto de 1872. Finda a recruta, transferiu-se para Cavalaria 8 - onde, a breve trecho, em virtude das suas altas classificações, era promovido a 1º sargento e, não muito depois, graduado em "aspirante a oficial". Tempos após, as suas altas capacidades técnico-militares fazem-no ascender a alferes graduado (29.12.1876).

A sua ficha biográfica, mais propriamente, a chamada "folha de matrícula" mostra infindavelmente o apreço em que era tida a sua acção, pois são bastos e expressivos os elogios dos comandantes dos quartéis e entrepostos militares onde esteve colocado.

Assim, é nomeado tenente em 1884 (21 de Outubro). Cinco anos após, uma deliberação do Ministério da Guerra atribui-lhe o cargo de Director da Escola Regimental, onde o seu desempenho virá a ser considerado de "altamente meritório".

E, de tal forma, as suas excepcionais qualidades de direcção se tornam notadas que, poucos meses decorridos sobre a sua posse, é promovido a capitão (21 Novembro 1889).

A sua acção continuava sempre em ritmo ascendente, dando-lhe a auréola de um militar de alto prestígio e respeitoso conceito. Não admira, por isso, que seja promovido a tenente-coronel, passados poucos anos, a 27 de Junho de 1906.

Porque era notória a sua fama de exímio cavaleiro (já entrara em concursos hípicas, com excelentes classificações) foi nomeado Chefe do Serviço de Recrutamento de solípedes e de veículos da Comissão Militar do Centro, onde logo se notabilizou como perito abalizado na organização da remonta.

Do seu currículo constavam, já, diversas condecorações, entre as quais a medalha militar da classe de comportamento exemplar e, sobretudo, a tão cobiçada condecoração de "Oficial da Real Ordem Militar de S. Bento de Avis", por serviços distintos (Decreto de 28 Set. 1894).

Em Agosto de 1888 (ainda tenente) casava com D. Esther de Nunez Elyseu, de uma conceituada família de Alcobaça - para onde, entretanto, transferia o seu domicílio oficial. Porém, não foi feliz nesse capítulo da sua vida pessoal, pois a esposa viria a falecer cerca de seis meses depois, após doença grave de rápida evolução.

Nos fins de 1889 (mais precisamente em 23 de Dezembro) contraíu novas núpcias com D. Josefa Gallinha Froes - que pertencia, também, a uma distinta família da mesma Vila.

Em 17 de Janeiro de 1898 ascendeu ao posto de General de brigada - que seria o término da sua carreira de militar. Algum tempo depois entrava na situação de reserva, em que se manteve, ainda, cerca de 20 anos, até ao seu óbito em 31 de Janeiro de 1918.

Residia, então, na Rua Conde Redondo, 10-2º Esq., em Lisboa - onde muito sardealenses reconhecidos lhe foram espontaneamente prestar a sua última homenagem.

A.

O SARDOAL por essa EUROPA

As cerimónias da Semana Santa, na nossa terra, desde há muito que vêm atingindo grande brilho e aparatosa solenidade.

Há notícias que as referem, já, por meados de 1700, com grande impacto na vida religiosa da diocese, não sendo de pôr dúvidas de que recuavam bastante mais no tempo, com esse mesmo lustre e esplendor.

É possível que com a perseguição religiosa de 1834, do famigerado Joaquim António de Aguiar, houvessem sofrido algum desluzimento, pois todo o panorama católico do País viveu, então, em sobressaltos e inquietações. Daí, possivelmente, que nos fins do século, o Arcipreste de Sardeal, Cónego Fonseca Morais se tivesse empenhado em revitalizar todo o fausto que as havia caracterizado.

Desde então, o seu prestígio foi soerguido e, até aos tempos modernos, não mais deixou de se manter. Na actualidade, porém, algumas das cerimónias litúrgicas vêm sendo um tanto simplificadas, por dificuldades ocasionais (nomeadamente a falta de clero), mas há a esperança de que em breve possam retornar ao seu antigo fastígio.

As procissões da Semana Maior, contudo, mantêm-se com toda a solenidade que as caracterizava.

A de Quinta-Feira Santa, à noite (célebre "Procissão dos fogaréis) é da responsabilidade privada da Santa Casa da Misericórdia - e, curiosamente, consta, mesmo do seu "Compromisso".

Mais uma vez, a deste ano, também, atingiu grande unção e espectacularidade. Duas estações de televisão aqui mandaram as suas câmaras, para a recolha de passos do seu itinerário, através das ruas da Vila, nessa bela noite dos princípios de Abril. Alguns depoimentos e comentários adequados serviram de condigno apoio às imagens recolhidas.

Tem-se conhecimento fidedigno de que essas reportagens foram vistas, com grande interesse e emoção, por muitos grupos de emigrantes portugueses, em países da Europa Central, através de antenas parabólicas.



NA MÃO DE DEUS

Durante todo o ano de 1995 foi Deus servido chamar à Sua presença os seguintes nomes, de entre Irmãos e utentes da Santa Casa:

Angélica Maria Lavrador
Bento Marques Diogo
Brazelina da Conceição Alves
Diamantino da Silva Tomé
Edvíges Pesca
Francelina Marques Silva
Francisco Forte
Francisco Serras
João Gaspar
José Lopes Farinha
Júlio Serras Inácio
Luís António
Manuel dos Santos
Manuel Nascimento Falcão
Maria da Conceição
Silvério Brás

Como é seu piedoso hábito, desde sempre, a Mesa Administrativa mandou celebrar sufrágios e missas de intenção pelas almas de todos estes nossos bons Amigos e cooperadores.

Nova DIRECTORA TÉCNICA

No passado dia 1 de Maio, tomou posse do lugar de Directora Técnica dos Serviços Sociais da nossa Santa Casa da Misericórdia a Senhora Dra. Maria Isabel do Nascimento Costa Gomes -que passa a ter, doravante, a superintendência na orientação geral, tanto do LAR como do CENTRO-de-DIA anexo, da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia.

Vem creditada com as melhores referências, tanto morais como profissionais, sendo de presumir, assim, que a sua acção possa vir a ser altamente profícua e relevante.

Rescaldos do DIA DA MÃE

Comemorou-se, ainda não há muito, o "Dia da Mãe".

Heróina desconhecida, foi ela quem nos deu a Vida, duas vezes: a do sangue e a do leite. Depois, fomos aconchegando sempre contra si, para nos acalentar e nos defender dos perigos. E continuou pela vida fora, sempre ao nosso lado.

Deu-nos tudo o que podia dar-nos: -canséiras, cuidados, afectos -e um Amor flimitado. Sem uma reticência, sem nunca regatear energias nem esforços. E sempre, sempre, disposta a perdoar-nos as nossas faltas, os nossos desvios, as nossas negligências...

Quem haverá, por isso, que não sinta um apelo forte do coração para se associar ao transcendente significado daquele dia?

No entanto... foi altamente penoso saber-se que nem todos os filhos, dos que (tão agodada e pressurosamente, por vezes) entregaram as suas Mães aos cuidados do LAR ou do CENTRO-de-DIA da nossa Santa Casa, lhes vieram trazer, naquele Domingo de Maio, uma saudação mais comovidamente sentida, com uma simples oferta de circunstância. Um singelo ramo de flores, ao menos -em que pudessem testemunhar, de algum modo, um sinal de mais expressivo e dedicado afecto!

Tristes sinais, afinal, destes tão depravados tempos em que vivemos!

FESTA do ESPIRITO SANTO

Na louvável intenção de solevar a tão respeitosa e arreigada devoção que os sardoalenses tiveram sempre pelo Divino Espírito Santo e que, entre nós, recua aos meados do sec. XV, pelo menos, voltou a realizar-se, agora (e no seguimento do que já se reiniciara no ano transacto) a Festa religiosa em Sua honra.

Nos tempos mais antigos, as festividades do BODO eram-lhe, sempre, adjuntas e esta parte profana, que não destoava, então, do cerimonial religioso, constituía mesmo a Festa mais importante e espectacular de toda a região centro do País.

Começavam logo na sexta-feira anterior ao Domingo de Pentecostes, com a despedida do gado bovino, que ia ser abatido para as rações de carne a serem distribuídas a toda a gente (e, em maior quantidade, quase sempre, aos mordomos da festa ...).

Os animais, com as hastes vistosamente enfeitadas, percorriam as principais ruas da Vila, previamente vedadas por cercados e barreiras. No entanto, havia sempre alguns "espontâneos", mais ousados e atrevidos, que se propunham exibir-se como "diestros" (!) e cujas faenas não raro os levavam ao Hospital. De uma maneira geral, porém, sem danos de maior.

No sábado e domingo havia o arraial, com os tradicionais jogos e divertimentos que eram parte integrante do seu programa: a subida ao pau enebado (que normalmente era um alto toro de eucalipto), no cimo do qual o trepador recolhia uma bolsa com dinheiro ou um bacalhau de grande porte; a prova de força, que consistia em segurar, por uma roda, um carro de bois com os animais a serem farpeados com o agulhão; as movimentadas provas das cavalhadas, na larga avenida entre a Capela da Senhora do Carmo e a zona do Pelourinho; a demorada e tão característica distribuição do pão bento, carne e vinho, a toda a gente.

Depois da Missa do dia, na Capela da Praça, realiza-se a célebre Procissão com a imagem do Divino Espírito Santo (aliás, a única que conhecemos), levada aos ombros de seis robustos jovens de reconhecida compleição física, pois a imagem pesava algumas centenas de quilos. Com efeito, fora esculpida a partir de um só bloco maciço de pedra, de alta densidade. E, porque o transporte do andor oferecesse sempre grandes dificuldades, a Autoridade Religiosa, já neste século, veio a consentir que um canteiro-almavel retirasse à imagem mais de 80 quilos de pedra -sem se ter desvirtuado, de algum modo, o seu aspecto exterior.

O regresso a essa velha tradição que, em boa hora, se está procurando levar a cabo circunscreve-se, no entanto, à parte religiosa, pois as comemorações profanas não pareciam caber muito bem nesta reedição da lavra paroquial.

Assim, neste último Domingo de Pentecostes, depois da missa campal celebrada na vasta Praça da República, que se encontrava literalmente cheia de fiéis, efectuou-se a grande e solene procissão rumo ao Largo do Convento, ficando aquela Santa Imagem exposta durante toda a tarde à veneração da imensa assistência, na Igreja do Mosteiro de Santa Maria da Caridade.

Entretanto, na larga cerca exterior do Convento, sob a larga ramaria dos freixos centenários, foi servido um esplêndido almoço a toda a assistência, oferecido pela Camara Municipal e pela Misericórdia -fazendo recordar, até certo ponto, aqueles velhos tempos em que o BODO era dia grande para toda a população!

Alguns dos presentes, de mais idade, puderam evocar com saudosa recordação algumas dessas gloriosas épocas, já a perderem-se na bruma dos tempos -e, em alguns casos, até, com uma ou outra lágrima furtiva à mistura...

— David Chambel dos Santos

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

2230 SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707/88